

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

O TEATRO NA ZONA DE RISCO

NANCI DE FREITAS

Professora adjunta no Instituto de Artes da UERJ e doutora em teatro pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da UNIRIO. Atua na área de artes cênicas como atriz, diretora e pesquisadora.

Resumo: O espetáculo Zona de risco (apresentado em junho e julho de 2009, no Teatro Noel Rosa, situado no campus da UERJ, no Maracanã), resultou de uma experimentação cênica realizada no Mirateatro! Espaço de estudos e criação cênica, um projeto de extensão desenvolvido no âmbito do Instituto de Artes da UERJ.

Palavras-chave: teatro; experimentação cênica; extensão universitária



Fotografia de Marcellus Nogueira



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

O Mirateatro é o espaço de interseção entre as experiências artísticas e a pesquisa acadêmica intitulada *Processos de criação no teatro contemporâneo: mediações*. As pesquisas propostas tomam o teatro como área de referência, buscando, no entanto, ampliar seu espaço de pensamento e de atuação, tendo em vista suas possibilidades de mediação com linguagens artísticas diversas, em particular as artes visuais. Os estudos de determinados processos artísticos desenvolvidos no teatro moderno e na cena contemporânea (grupos, dramaturgos, atores e artistas cênicos, com ênfase na produção feita no Brasil) procuram levantar questões, ampliar subsídios teóricos e recursos artísticos e técnicos para a instauração, no Mirateatro, de procedimentos próprios de criação e de produção da teatralidade, incluindo aí a relação entre atuação, performance e visualidade.

A proposta do espetáculo *Zona de risco* surgiu da necessidade de abordar o tema da violência, fenômeno urbano que se configura como uma espécie de estado de guerra que perpassa nossa realidade, ao qual aprendemos a olhar de modo distanciado, a não ser quando suas asas sobrevoam, tragicamente, nossa existência. No início de 2008, pude presenciar uma intervenção artística, no Parque do Flamengo, intitulada *Via crucis*, uma manifestação do grupo *Rio de Paz*, movimento que atua no Rio de Janeiro, em discussão permanente da questão da violência.

Via crucis se constituía enquanto uma instalação visual, formada por duas fileiras de cruces de madeira colocadas ao longo dos dois lados de uma das pistas do Aterro do Flamengo, o número de cruces correspondendo ao número de mortos por homicídio no Rio, naquele ano.¹ Nesta ocasião, foi divulgado o *Manifesto Rio de Paz Pela Redução de Homicídios*, disponibilizado para assinaturas entre os transeuntes que circulavam no aterro.

¹ Ver o site WWW.riodepaz.org.br, onde constam registros dessa e de outras diversas intervenções públicas do movimento



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Saí do local com uma cópia do documento e tocada pela força daquele acontecimento, que era ao mesmo tempo uma intervenção artística, política e social, e sentindo fortemente o desejo de realizar um trabalho de teatro que pudesse contribuir para a discussão do tema. Esta necessidade encontrou sua forma de expressão junto a um grupo de estudantes do Instituto de Artes da UERJ, do curso de Artes Visuais, que se integraram ao *Mirateatro*, participando de um processo de criação, desenvolvido ao longo do ano de 2008. A experiência buscou uma forma própria de materializar a urgência do tema, resultando no roteiro cênico-dramatúrgico, que foi apresentado no Teatro Noel Rosa, configurado de modo performático como um manifesto poético.



Fotografia de Maria Lúcia Galvão



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Partindo das especificidades da pesquisa em arte – relação intensa entre teoria e prática – os estudos, pautados na proposta de ‘processo colaborativo’, exercitaram conceitos como ‘dramaturgia cênica’, ‘ator criador’ e ‘ação física’, gerando uma experimentação no âmbito da teatralidade.

O termo ‘processo colaborativo’ (que pode ser visto como uma espécie de releitura dos processos de criação coletiva dos anos 1970) foi adotado por grupos e companhias do teatro, no Brasil, que passaram a questionar a rigidez da noção de autoria, instituindo-se novas formas de produção artística, sem, no entanto, abrir mão da presença do encenador como coordenador do trabalho dos diversos criadores cênicos. Com estas novas experiências colaborativas, a concepção de dramaturgia passaria a ser utilizada, a partir dos anos 1980, enquanto processo de composição artística, que designaria não apenas as funções do autor do texto, mas também as da constituição da ‘escrita cênica’, da qual participaria o diretor e sua equipe de criação, incluindo o ‘ator-criador’, um importante elemento deste processo, no que passou a se denominar ‘dramaturgia do ator’.

Nesse sentido colaborativo, os participantes da construção de *Zona de risco* trabalharam não apenas como atores, mas também como criadores cênicos, pesquisando e atuando na produção e na montagem dos elementos tais como: cenários, figurinos, trilha sonora, vídeo, iluminação e programação visual. Os estudos teóricos e as práticas artísticas estimulavam os estudantes a participar da elaboração do roteiro cênico-dramatúrgico, garimpando e criando, ao mesmo tempo, textos e músicas. Sem esquecer da busca por fotografias e imagens diversas, colhidas na *internet*, em livros de arte e jornais, além de materiais plásticos que davam ‘concretude’ às cenas que iam surgindo, já que o horizonte da pesquisa foi sempre no sentido de aproximar o teatro das artes visuais, tendo em mente a área da graduação dos estudantes.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A investigação cênica acontecia concretamente na sala de trabalho, na relação entre os participantes, seus estímulos corporais no espaço e os materiais que eram apresentados, a partir de seleção a priori, com relação à temática proposta. A experimentação em torno das ações, com a criação e repetição de sequências de movimentos e a busca do modo concreto de ‘fiscalização’ dos estímulos, possibilitava aos atores acoplar fragmentos textuais e atribuir sentido às cenas. Experiência que, ao mesmo tempo, permitia-lhes compreender e desenvolver processos próprios de criação teatral.



Fotografia de Joanna Balabram

O roteiro foi construído a partir da colagem de fragmentos textuais diversos (poemas, crônicas, recortes de jornais, letras de música, depoimentos, manifestos), tendo



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

como ponto de partida o *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar; e tomando como referência o *Manifesto Rio de Paz Pela Redução de Homicídios*, texto chave do movimento Rio de Paz. No escopo deste material textual que compõe o roteiro, entraram, ainda, dentre outros, fragmentos do Hierofante, narrador que aparece na peça *A morta*, de Oswald de Andrade; trechos de *O teatro e seu duplo*, de Antonin Artaud, do *Apocalipse*, de São João, e do *Manifesto Futurista*, de Marinetti. A bricolagem ganharia também músicas e sonoridades, construídas a partir de citações que iam de Wagner ao rock e ao *hip-hop* carioca.

Cenas construídas a partir de músicas, fotografias de guerras, planos de filmes; sequências corporais desenvolvidas por meio de exercícios feitos por duplas, grupo de três atores e de movimentos realizados com cadeiras; ações elaboradas a partir de improvisação não-verbal; imagens relacionadas à violência pesquisadas na *internet*, nos jornais, nas obras de artistas. Performances individuais geram cenas: numa a ação se desenvolvia no debater de um corpo dentro de um saco plástico e em outra um corpo amarrado insistia em manifestar seu discurso. Improvisações realizadas com alguns materiais disponíveis: um enorme tecido vermelho e um plástico preto que cobria todo o espaço cênico. Roupas no estilo urbano: calças cargo, camisas de brim, em tons de verde, marrom, preto e bege, com botas ou tênis velhos. As sugestões de músicas e sonoridades iam configurando a trilha sonora do espetáculo, ao mesmo tempo em que as imagens pesquisadas começavam a dar forma a um vídeo-colagem. Todos estes materiais fragmentários adicionados e justapostos iam dando corpo ao material dramaturgico e cênico.

As cenas, ações e performances compunham quadros cênicos de *Zona de risco*, numa configuração poética, visual e sonora que se afastava de uma proposição dramática mais tradicional, no sentido de uma construção linear e crescente, sustentada por personagens rumo a um desfecho. Sem nos apegar a uma rigidez teórica ou a perspectivas artísticas fixas, algumas referências despontavam e contaminavam, inevitavelmente, a construção artística, junto ao próprio material textual utilizado, tais como o impacto de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

certas imagens que sugeriam a crueldade artaudiana; o soco e a bofetada contra o sono e a inércia do público, tal como manifestavam os futuristas; ou o desejo de ‘incendiar’ o palco, como propõe o Hierofante, na peça *A Morta*, de Oswald de Andrade, ação que se configurava, metaforicamente, na cena final do espetáculo, quando os atores abandonavam o palco pela platéia. O roteiro cênico ganhava forma com imagens plásticas, movimentos, recortes, citações de textos e músicas, trechos de vídeos, fragmentos recolhidos de um amplo acervo cultural e artístico do universo da arte e da cultura de massa, conferindo velocidade e intensidade ao espetáculo que chamei de *manifesto poético*.

Cenas carregadas de metáforas e alegorias tendiam à multiplicação de referências e sentidos. A abordagem do assunto e suas manifestações cênicas cruéis, às vezes, provocavam uma sensação apocalíptica e catártica, no entanto a linguagem proposta sugeria uma encenação ‘desdramatizada’, reforçada pelas quebras de direção, quadros e cortes instantâneos, vozes em *off*, surpresas e atrações, projeções de imagens videográficas, que reorientavam a percepção do espectador para variados pontos de vista. A assimilação de uma perspectiva cênica épica, com a distensão das ações e da temporalidade, ganhava ênfase pela presença dos quatro atores em cena todo o tempo do acontecimento teatral: atuando ou narrando, montando as próprias cenas, ajudando a compor as dos parceiros e se juntando em momentos coletivos.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica



Fotografia de Juliana de Oliveira Augusto

A experiência, configurada no espaço de um palco italiano, como é o caso do Teatro Noel Rosa, procurou neutralizar a dinâmica da separação entre palco e platéia, buscando uma relação direta com o público, explorando a teatralidade na expansão de suas formas de expressão e de diálogo com as diversas linguagens artísticas, inserindo-se no que pode ser chamado de ‘campo ampliado das artes’.² Situando-se nessa região fronteiriça, *Zona de risco* valorizou a presença do corpo na cena, o acontecimento performático, a utilização de aparatos visuais, plásticos e sonoros, investindo, em determinados momentos, na ênfase às

² Conceito que ganharia repercussão a partir do artigo *A Escultura no Campo Ampliado*, de Rosalind Krauss.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

imagens mais do que à constituição de uma determinada textualidade. A experiência da colagem e da mediação entre formas artísticas apontou para uma ‘escrita cênica’ que se organizava por diversas camadas narrativas, em permanente tensão de sentidos.

A criação cênica procurou contribuir para os estudos da estética teatral contemporânea, ao escolher atuar no âmbito de um ‘processo colaborativo’ e na construção de um espaço político para a investigação artística. Esta perspectiva experimental e de ‘pesquisa de linguagem’ dialoga com certos aspectos conceituais e contextuais do que passou a ser chamado ‘teatro pós-dramático’, no qual a noção de fábula (enredo) não mais se constituiria como a base geradora do teatro. (Lehmann: 2007). Nesse sentido, a concepção de *Zona de risco* seria configurada fortemente a partir de uma temática – a violência no mundo moderno - no entanto, a materialidade cênica se daria por aspectos relacionados a ambigüidades e hibridizações, decorrentes mais da emergência de certo estado ou situação, determinado pela colagem de elementos, do que propriamente da ação dramática, instaurando-se pela celebração do teatro enquanto processo ou performance.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica



Fotografia de Marcellus Nogueira

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Oswald de. *A morta*. São Paulo: Globo, 1995.

“Apocalipse de São João”. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico, mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica). Edição revista por Frei João José Pedreira de Castro, OFM. São Paulo: Editora Ave Maria, 1989.

ARTAUD, Antonin, *O Teatro e Seu Duplo*. 2 ed. Tradução Teixeira Coelho; revisão da Tradução: Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRECHT, Bertolt. *Estudos sobre teatro*. Trad.: Fiana Pais Brandão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2005.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. Trad.: Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva: 1987.

GULLAR, Ferreira. *Poema sujo*. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1995.

KRAUSS, Rosalind. "A Escultura no Campo Ampliado". In: *Gávea*. Rio de Janeiro, nº 1, s/d.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

-
- LEHMANN, Hans-Thies. *Teatro pós-dramático*. Tradução: Pedro Sússekind. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- Manifesto Rio de Paz Pela Redução de Homicídios*. Rio de Janeiro: site: riodepaz.org.br.1998
- MARINETTI, F. T. “O teatro de Variedade”, “O teatro sintético futurista – 1915”. In: *Cadernos de Teatro*, nº 63. Rio de Janeiro: O Tablado, 1974.
- PAVIS, Patrice. “Du texte a la scène: un enfantement difficile”. In : *âtre au croisement des cultures*. Paris: Librairie José Corti, 1990.
- SILVA, Antônio C. de Araújo. *A Gênese da Vertigem: O processo de criação de O Paraíso Perdido*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 2002.
- SZONDI, Peter. *Teoria do drama moderno - (1880-1950)*. Trad. Luiz Sérgio Repa. São Paulo: Cosac & Naify: 2001.

Ficha técnica do espetáculo *Zona de risco*:

Concepção, direção e dramaturgia: Nanci de Freitas

(ROTEIRO CÊNICO ELABORADO COM A PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES/ATORES DO INSTITUTO DE ARTES DA UERJ)

Atores: Fabricio Gabriel, Jéssica Orem, Pedro Crok, Rodrigo Claro

TRILHA SONORA: ARTHUR BATISTA CORDEIRO

Música de abertura: *Respeitável público*, de Daniel Belion

Criação e edição de vídeo: Arthur Batista Cordeiro e Fabrício Gabriel

Colaboração cenográfica: Prof^ª Cristina Pape

Figurinos: Nanci de Freitas (produção do figurino: o grupo).

CARTAZ: MARCELO AUGUSTINHO E ARTHUR BATISTA CORDEIRO

Iluminação: Pedro Crok

Coordenação de produção: Nanci de Freitas

Assistentes de produção: Juliana de Oliveira Augusto e Clarice Duarte Rangel

Realização: Mirateatro! Espaço de Estudos e Criação Cênica

Departamento de Linguagens Artísticas - Instituto de Artes da UERJ



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Recebido: 16/03/2010

Aceito: 18/03/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br